



## Memórias do fazer azulejo na Fábrica Constância

**Marluci Menezes e Sílvia Pereira**

LNEC

[marluci@lnec.pt](mailto:marluci@lnec.pt); [spereira@lnec.pt](mailto:spereira@lnec.pt)

---

### Palavras-chave:

Memória socio-técnica; Processos produtivos; Azulejo; Fábrica Constância

---

### Resumo:

Neste trabalho aborda-se o processo de fabricação de azulejo a partir da memória socio-técnica de antigos trabalhadores da Fábrica Constância, encerrada em 2001. Em termos gerais, esta reflexão enquadra-se num objetivo mais ambicioso de contribuir para a criação de fontes de conhecimento sobre os processos técnicos de produção do azulejo. Em termos específicos, apresenta-se os primeiros resultados de um estudo de recolha de informação oral junto de antigos trabalhadores desta fábrica. Visa-se discutir sobre os materiais, técnicas e questões afins associadas ao processo de produção do azulejo. De modo a complementar este intuito de discussão, abordam-se ainda elementos de referência histórica desta fábrica.

Originalmente fundada com o nome de Companhia Fabril de Louça (1836), tendo Inácio Augusto da Silva Lisboa como seu primeiro gerente, passou em 1842, a designar-se Companhia Constância. A fábrica foi também conhecida pelos nomes de Fábrica das Janelas Verdes e de Fábrica dos Marianos. Funcionou até finais de novembro de 2001 no interior do antigo Convento de Nossa Senhora dos Remédios / Convento dos Marianos, à Lapa, nas proximidades da Rua das Janelas Verdes.

Estima-se que, a partir da década de 1860, a qualidade cerâmica e a celebridade da fábrica tenham sido impulsionadas por Wenceslau Cifka (1811-1884) que, ali, terá realizado a sua produção cerâmica. A qualidade do seu trabalho foi reconhecida externamente através da participação em feiras internacionais, tais como as de Paris (1878) e do Rio de Janeiro (1879). De entre os azulejos por ele produzidos é de destacar os figurativos e de relevo, nomeadamente os aplicados no Palácio da Pena, em Sintra. Sabe-se que, em 1867, foi edificado um grande forno. José Queirós (1948), menciona também que o pintor J. S.

Roberto terá trabalhado nesta fábrica, observando ainda que o forneiro de nome João Maluco, que também pintava louça teria provavelmente sido inspirado por Wenceslau Cifka. Em 1881 a fábrica, então com 40 operários, passou a ser gerida pela firma Sequeira & Freire e a designar-se por Fábrica Constância (Domingues, 2009). Entre 1885 e 1896, então já só propriedade do Sr. Miguel José Sequeira, entre outras criações, produziu loiça preta e cerâmica “pó de pedra”, tendo o barro de Leiria sido útil para esta finalidade.

Santos Simões observa, todavia, que em finais do século XIX, o azulejo se tinha tornado apenas um suporte da pintura. Isto é, os artistas-pintores pintavam sobre o azulejo, tal como sobre qualquer outro tipo de material, enquanto o “azulejeiro, aquele especialista que conhece e que só se dedica ao azulejo e que usa técnicas específicas, esse tinha desaparecido”. Para o autor, o azulejo da altura, não tinha qualidade. Isto é, para além de feito à máquina, utilizavam-se produtos sintéticos na sua produção, tais como a mistura de feldspatos e caulino na argila, aproximando-o da porcelana e retirando-lhe a “apetência” (Simões, 1968).

À data da publicação da 1ª edição do livro de José Queirós, em 1906, relativamente à Fábrica Constância, a principal produção reportada era de faiança e azulejo, sendo nessa altura, o seu “movimento” relatado como “pequeno”. A decoração estava a cargo de José António Jorge Pinto (1876-1945) – pintor figurativo que se destacou na arte da azulejaria do período Arte Nova – e que, entre 1897 e 1906, esteve de modo descontínuo ligado à fábrica. Os trabalhos foram apresentados na Exposição Nacional de Belas Artes (1905), onde foram premiados e considerados de incontestável mérito.

O azulejo ali produzido viria, inclusivamente, a identificar um padrão específico e designado com o nome da fábrica – padrão “constância” (também identificado como padrão “colchete” ou “ferradura” (Pires, 2012).

Mas, segundo Santos Simões (1968), entre 1916-1917 e até cerca de 1940, o azulejo havia caído em descrédito, tanto do ponto de vista estético como material. Esta desvalorização do azulejo seria relevada pela continuação do uso da máquina na sua produção, referindo este ainda os problemas de aderência à parede.

O artista italiano Leopoldo Battistini assumiu depois de 1921, em conjunto com Viriato Silva, a administração da Fábrica Constância. Battistini pintou painéis de gosto historicista, como por exemplo, a reprodução das tapeçarias de Pastrana e o *panneaux* da Madonna del Fascio, adquirido por Mussolini. Durante este período, a qualidade da produção cerâmica da fábrica foi, novamente, reconhecida internacionalmente, sendo disso exemplos as exposições de Milão (1927) e de Sevilha (1929). Refira-se ainda que, no período anterior a estas exposições, foi realizado um elucidativo documentário – pela Companhia Cinematográfica de Portugal com cinegrafia de A. C. Macedo – sobre o processo artesanal de produção de faiança e de azulejo da Fábrica Constância, desde a preparação do barro, à produção de chacotas, à vidragem, à pintura e à cozedura.

Maria de Portugal (pseudónimo de Albertina dos Santos Leitão, 1884-1971), entretanto discípula e companheira de Battistini, assumiu a direção e gestão da fábrica após o falecimento do artista italiano. Em homenagem ao artista, a fábrica, passou a ostentar o

nome de Fábrica Battistini. Maria de Portugal pintou também diversas peças de faiança e azulejo. Em 1963, a fábrica foi reorganizada por D. Francisco de Almeida.

Nos seus últimos anos de laboração, a Fábrica Constância destacou-se na produção de azulejos representativos do papel que o mesmo viria a assumir como arte pública, e sendo exemplos, a execução do paredão monumental da Av. Calouste Gulbenkian, em Lisboa, da autoria de João Abel Manta, bem como os azulejos que revestem o Oceanário de Lisboa, de autoria de Ivan Chermayef.

Ainda que a pesquisa documental e histórica sobre a Fábrica Constância nos ajude a referenciar o processo fabril de produção do azulejo, muito falta conhecer acerca das técnicas e saberes de produção. O estudo dos materiais, técnicas e processos de conceção, produção e aplicação do azulejo é importante para o campo da conservação e restauro do património azulejar. Apesar do reconhecido mérito dos artífices portugueses do azulejo, muito do conhecimento relacionado com estes processos de criação e aplicação foi transmitido entre gerações, sem haver registos tangíveis destes processos. O que, no campo da conservação-restauro e valorização do património, mostra a necessidade da criação de fontes de conhecimento sobre estes processos. Todavia, ao considerar-se uma fábrica de azulejo que já deixou de existir, é de ter também em conta que a transmissão de conhecimento sobre os processos de produção do azulejo pode estar comprometida. Isto porque, à partida, as 'vozes' que contam sobre os fazeres associados ao azulejo podem já ter desaparecido ou estar em vias de desaparecimento.

Neste sentido, propõe-se situar o papel da Fábrica Constância na produção azulejar portuguesa, delinear um conjunto de aspetos a ter em consideração na realização de recolha de testemunhos orais junto de antigos trabalhadores tais como a organização do processo de fabrico no interior da fábrica, a identificação de materiais, ferramentas, técnicas e informações associadas. Por fim, em função do desaparecimento da fábrica e considerando a importância dos testemunhos orais na criação de fontes de conhecimento, apresenta-se os primeiros resultados de entrevistas a antigos trabalhadores da Fábrica Constância.

#### **Referências citadas no texto**

- Domingues, Ana Margarida Portela. 2009. "A ornamentação cerâmica na arquitectura do Romantismo em Portugal". Tese de Doutoramento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Pires, Isabel Augusta dos Santos. 2012. "Fachadas azulejadas na margem sul do Tejo - Barreiro (1850-1925)". Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/9952>.
- Queirós, José. 1948. "Cerâmica Portuguesa". I Volume. 2ª ed. Lisboa.
- Simões, João Miguel dos Santos. 1968. *Transcritos do Ciclo de Palestras sobre Azulejaria*, 9ª Palestra. Fundação Gulbenkian. URL: <http://digitile.gulbenkian.pt/cdm/compoundobject/collection/jmss/id/450/rec/7>

---

#### **Marluci Menezes**

Geógrafa, Mestre e Doutora em Antropologia, Investigadora Auxiliar no LNEC, onde desde 1991 estuda as culturas urbanas de uso e apropriação do espaço, de conservação do património e de reabilitação urbana. Presentemente privilegia o estudo das questões socioculturais associadas ao uso e conservação de recursos patrimoniais, às memórias sociotécnicas relacionadas com materiais e edifícios históricos, às dinâmicas de

adaptação aos processos de transformação urbana, e à relação entre património material e imaterial na conservação do património arquitetónico.

#### **Sílvia Pereira**

Engenheira Química, Doutora em Química, a fazer investigação no LNEC, onde desde 2010 estuda os fenómenos de degradação do azulejo, a sua caracterização físico-química e mineralógica e os seus métodos de conservação-restauro. Foi coordenadora do projeto FCT CerAzul: Avaliação e desenvolvimento de materiais e técnicas para o restauro de azulejos históricos. Presentemente estuda as tecnologias de produção e matérias-primas utilizadas na elaboração do azulejo, a influência destas nas propriedades de interface vidro-cerâmica, a sua relação com os fenómenos de degradação e métodos inovadores de conservação e restauro.